



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-grafismo-contraste>

O grafismo-contraste do povo Kariri-Xocó: partilha de um mundo das diferenças

Victor Hugo da Silva Iwakami[1]

Grupo Sabuká Kariri-Xocó[2]

RESUMO: Neste ensaio exploramos os desdobramentos de processos de pesquisa que experienciaram a criação com a etnia Kariri-Xocó por meio de narrativas fabuladas no entre um pesquisador-artista-biólogo e o grupo Sabuká Kariri-Xocó. Diante de diversas possibilidades de encontros e reflexão, destacamos o grafismo como uma expressão artística e científica que transcende a representação para celebrar a diversidade e a igualdade entre as diferenças. A experimentação com o grafismo Kariri-Xocó desafia as hierarquias ocidentais, propondo encontros que respeitem a pluralidade. Enquanto o traço sutil do jenipapo Kariri-Xocó inspira reflexões diante dos desafios do niilismo existencial e das mudanças climáticas, instigando novas abordagens para repensar as relações humanas e não-humanas, assim como o sentido da existência em tempos contemporâneos. Essa interação revela-se como um caminho para explorar a complexidade das relações entre diferentes seres e culturas, oferecendo perspectivas alternativas para enfrentar os desafios da atualidade. Por meio do grafismo e do encontro com os Kariri-Xocó, emerge uma narrativa de respeito à diferença, reconhecimento da interdependência e busca por outras abordagens possíveis que não esgotam os mundos, mas instigam novas reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Kariri-Xocó. Grafismo. Pesquisa-experimentação. Devir. Representação

El grafismo-contraste del pueblo Kariri-Xocó: compartiendo un mundo de diferencias.

RESUMEN: En este ensayo exploramos los desarrollos de los procesos de investigación que experimentaron la creación con la etnia Kariri-Xocó a través de narrativas fabulosas en el entre investigador-artista-biólogo y el grupo Sabuká Kariri-Xocó. Frente a diversas posibilidades de



encontros y reflexión, destacamos el grafismo como una expresión artística y científica que trasciende la representación para celebrar la diversidad y la igualdad entre las diferencias. La experimentación con el grafismo Kariri-Xocó desafía las jerarquías occidentales, proponiendo encuentros que respeten la pluralidad. Mientras el trazo sutil del jenipapo Kariri-Xocó inspira reflexiones ante los desafíos del nihilismo existencial y los cambios climáticos, incitando nuevas aproximaciones para repensar las relaciones humanas y no humanas, así como el sentido de la existencia en tiempos contemporáneos. Esta interacción se revela como un camino para explorar la complejidad de las relaciones entre diferentes seres y culturas, ofreciendo perspectivas alternativas para enfrentar los desafíos de la actualidad. A través del grafismo y del encuentro con los Kariri-Xocó, emerge una narrativa de respeto a la diferencia, reconocimiento de la interdependencia y búsqueda de otros enfoques posibles que no agotan los mundos, sino que incitan nuevas reflexiones.

PALABRAS CLAVE: Kariri-Xocó. Diseño gráfico. Investigación-experimentación. Devenir.

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproxima dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro.
(Krenak, 2022, p. 31)

Retomada de traços flutuantes

Refletir sobre e a partir das diversas dimensões dos impactos das mudanças climáticas pode ir além do debate técnico-científico sobre possíveis estratégias de amenizá-las. Visto que pensar a diversidade epistemológica demanda um projeto de desmapeamento do Estado-Capital (Tsing, 2015, p. 193). Pesquisar e criar junto com a etnia indígena Kariri-Xocó, principalmente no desafio de estudar as invenções micropolíticas na educação por meio da imagem, tensiona a concepção de diversidade presente na sociedade ocidental. Talvez fugir daquilo que poderíamos nomear de “monocultura diversa”, buscar linhas de fuga de um mundo tomado de um sistema monocultor que permite a existência da diversidade vegetal, desde que não ultrapasse os limites determinados para ela. Este ensaio se propõe em trilhar aberturas ao debate de espaços que cresçamos



entrelaçados em um contínuo encontro das diferenças, implodindo os limites impostos pela monocultura neoliberal.

[...] se pudéssemos ter apenas uma palavra para as terríveis intromissões entre nós que ameaçam a vida na terra, não só para os seres humanos, mas para um grande número de plantas, animais e modos de viver nesta Terra, seria Capitaloceno e não Antropoceno. Não porque ela conta a história toda, mas porque não foi o Antropos que causou tal coisa; processos de mundanização na extração, a produção maciça de riquezas por meio da extração envolvida nos genocídios e nos sistemas de trabalho e escravidões e industrializações e aparelhos energéticos, e, e, e... De algo que podemos muito bem chamar de Capitaloceno. Esse nome cabe bem mais à história do que o ato de espécie ao qual remete o nome Antropoceno, que inevitavelmente faz parecer que o que está acontecendo é um ato da espécie. (Haraway, 2022, p. 419-420).

Atualmente, grupos familiares pertencentes à etnia Kariri-Xocó partem das margens do rio Opara (Rio São Francisco) em Porto Real do Colégio (Alagoas) com o intuito de fomentar atividades culturais voltadas para a preservação e fortalecimento de sua herança material e imaterial. Esta iniciativa, que se revela simultaneamente política, educacional e artística, engloba a partilha de narrativas sobre suas lutas, modos de vida e visões de mundo, além da exposição de suas expressões artísticas elaboradas a partir de materiais como barro, árvores e sementes, incluindo também suas práticas culturais tradicionais, tais como os torés (cantos e danças) e os rojões. Desde 1995, o grupo Sabuká Kariri-Xocó[3] (SKX) tem desenvolvido suas atividades em Campinas, no interior do estado de São Paulo, bem como em regiões da capital paulista (Narita; Wunder, 2018). Ao longo dos anos, foram estabelecidas diversas parcerias, culminando em 2013, na formação de uma rede de apoio aos Kariri-Xocó[4] na cidade de Campinas (SP). Essas conexões duradouras e frutíferas estabelecidas entre instituições, estudantes, artistas, professores e pesquisadores promovem o intercâmbio de saberes entre a comunidade indígena e as instituições de ensino superior, as escolas e a sociedade não indígenas.

Foram conduzidas pesquisa-experimentações (Wunder; Marques; Amorim, 2016) que exploraram a intersecção entre a escrita e o desenho, em intensos processos criativos, em parceria com os conhecimentos ancestrais do povo indígena Kariri-Xocó (Iwakami, 2022). Perambulando pela *zona de vizinhança* (Deleuze; Guattari, 1997), estabeleceram-se diálogos e colaborações entre um pesquisador e os membros do grupo SKX. Os elementos não humanos, considerados fontes de



aprendizado, permearam toda a investigação, manifestando-se em criações visuais que refletem um conhecimento compartilhado no *entre*. A escrita, o desenho e a fotografia foram utilizados para dar vazão a conceitos emergentes, originando narrativas que mesclaram tradições orais Kariri-Xocó com a perspectiva do pesquisador.

Marcado por encontros físicos e conceituais, o processo de pesquisa se desdobrou em diversas direções, mantendo-se aberto às questões que surgiam ao longo do caminho. O objetivo foi de redesenhar conceitos inspirados nos sistemas conceituais dos povos indígenas e de outras comunidades marginalizadas, em consonância com a ideia de uma *partilha do sensível*, conforme proposta por Rancière (2009), que convida à escuta daqueles que são frequentemente silenciados ou percebidos apenas como ruídos (Rancière, 2021). Propomos uma imersão, convidando os leitores a se impregnarem de um corpo-gavião, sobrevoando vestígios deixados por uma investigação que permanece aberta a novos caminhos e na busca de uma educação que celebre a diversidade.

Realizada ao longo de um período de três anos[5], este ensaio explora os encontros com os regimes conceituais e imagéticos da etnia Kariri-Xocó durante a pesquisa de mestrado do presente autor. O projeto inicial foi elaborado junto ao grupo SKX na perspectiva de manter parceria e amizade nas rasuras do desenho e narrativas, a primeira proposta pelo primeiro autor enquanto a segunda pelo grupo. Por meio de oficinas de desenho-experimentação iríamos compartilhar e peregrinar entre um pesquisador-biólogo-desenhista e a juventude Kariri-Xocó. As narrativas permaneceriam abertas para as histórias, cantos, torés e qualquer outras possibilidades de compartilhamento do encantamento da diferença, seguiríamos como dispositivo a dinâmica dos quatro elementos (fogo, terra, água e ar), importantes para a permanência e renovação cultural da etnia. Entretanto, no início de 2020, antes de iniciarmos as oficinas, o acontecimento viral e fulgurante atravessou nossos modos de viver. A pandemia de COVID-19 impossibilitou os encontros físicos e tivemos que repensar os traços que nos afetam.

Diante do isolamento e dificuldade no desenvolvimento das oficinas, a liderança do grupo SKX, Pawanã Crody, me provocou em peregrinar no *entre* e a partir dos registros e experiências vividas com o grupo desde 2018. O *entre* não tem logradouro. É uma zona nebulosa que fabula, ficciona e narra o encontro entre saberes Kariri-Xocó, referências acadêmicas e o pesquisador. Assim, toda



uma jornada imagética de *retomada* do desenho, conceito Kariri-Xocó que iremos explorar ao longo do ensaio, é construída pelo desenho por meio de três histórias em quadrinhos.

Cada narrativa foi desenhada pensando na possibilidade de compartilhar e refletir sobre a cosmogonia da etnia. Todas foram propostas, (re) visitadas, (re)desenhadas e revisadas pelos integrantes do grupo. Em “O conto do ar: a arara-papagaio” e “O conto da terra: a troca por meio do barro” apresentamos os primeiros movimentos de encontro com o grupo, foi intenção e propósito dos integrantes SKX. A demanda era que os conhecimentos ancestrais tomassem linhas e rabiscos nas histórias. A partir de experiências e transcrições de conversas os dois contos vagueiam na dinâmica do ar e da terra, a primeira narra o encontro de um jovem urbano com uma entidade arara-papagaio, materialidade do cocar de Kaony, indígena Kariri-Xocó que realizava um trabalho cultural em uma escola. Um voo solidário e educativo é compartilhado. Na segunda história, acompanhamos a jornada de um João-de-Barro que busca aprender os segredos do barro com uma mestra ceramista Kariri-Xocó chamada Dé.

Em “Piquete e o gesto da ficção” diversos personagens vão ao encontro de homem solitário em uma inconstante moradia. A diferença comove a contação de uma história. Enquanto uns narram pelo desenho, outros o fazem pela palavra. Nesta narrativa, desenhada sem roteiro ou borracha, buscamos refletir junto com e a partir dos desdobramentos conceituais e deslocamentos produzidos pelos saberes Kariri-Xocó acerca dos modos de estar no mundo. Na intenção de emaranhar perguntas e conceitos, a pesquisa reflete sobre o desenho como emaranhado de fluxos vitais; como processo de tornar-se coisa, como sutileza do devir e ficcionalização como partilha do sensível (Rancière, 2009).

A dissertação resultante desta pesquisa é caracterizada por uma profusão de traços, rabiscos e estilos, refletindo a multiplicidade de facetas do pesquisador-artista em sua jornada. O desenho é abordado como uma forma de expressão do pensamento, dando origem a microcosmos narrativos nos quais a imaginação e a ficção coexistem harmoniosamente com o texto. Novamente, este ensaio é um sobrevoo sobre trilhas e rastros que o pensamento Kariri-Xocó mobilizou na criação e nossos pensamentos sobre maneiras de estar no mundo. Para este rasante, propomos o mergulho no debate sobre o deslocamento traço-desenhado que a estética do grafismo Kariri-Xocó gerou a partir do encontro. De modo que propomos a abertura e continuidade de processos generativos,



sem encerramentos, somente clareiras de uma pesquisa-experimentação que traça caminhos, trilhas e reflexões ao mundo florestal das diferenças e dissensos.



Um duplo-deslocamento: *retomada* e grafismo performando metodologias



Refletir a partir do encontro com povos de diversas origens e cosmovisões, desafia-nos eticamente a não hierarquizar lógicas, abrindo espaço para novas possibilidades de relação entre conhecimento e vida, linguagem e criação. Esta abordagem parte do princípio da igualdade como base, conforme delineado por Jacques Rancière (2009), que nos encoraja a rejeitar lógicas dualistas e hierárquicas, reconhecendo que todos os seres humanos possuem competência, inteligência e capacidade de aprender e ensinar. Sob essa ótica, todos são intelectuais, sem distinção entre os intelectuais e o povo (Rancière, 2021). Para o autor, a sociedade estabelece as condições e formas pelas quais algo é digno de percepção, um conceito conhecido como *partilha do sensível* (Rancière, 2009). Essa partilha inclui o visível e o invisível, o audível e o inaudível, o inteligível e o ininteligível, estabelecendo relações de poder que são hierarquizadas por consensos que regulam qualquer interpretação divergente do comum. O dissenso não deve ser interpretado como desentendimento, mas como resultado de diferentes perspectivas que geram mundos distintos. Partindo do pressuposto de que a *partilha do sensível* não é natural nem imutável, buscamos por abordagens de pesquisa e ensino que mobilizem novas formas de compartilhamento.

As reflexões de Rancière levam a um deslocamento do próprio processo de pesquisa, afastando-se da abordagem que trata as narrativas dos Kariri-Xocó ou de outras lógicas marginalizadas como um simples "material bruto" (Rancière, 2021) que deve ser interpretado pelo pesquisador que atribui significado por meio de explicações destinadas à comunidade acadêmica. Buscamos aplicar o que ele descreve como "duplo deslocamento" (Rancière, 2021), que se manifestou na pesquisa por meio da criação de desenhos e escritas, resultando em um processo fabulatório que permite uma indistinção de vozes, a terceira margem do encontro.

A terceira margem do encontro representa a jornada imagética da pesquisa. Diversos questionamentos sobre o papel do desenho como uma força e ato de pensamento na pesquisa em educação foram levantados. A interação entre os saberes Kariri-Xocó e os referenciais conceituais acadêmicos ressoou em uma pesquisa que se entrelaça com a educação. Fauna e flora mobilizaram e continuam a mobilizar narrativas e conhecimentos vivenciados ao longo de gerações. A partir dessa perspectiva, emerge um emaranhado de experiências e conhecimentos que buscam reconhecer os afetos possíveis de regimes conceituais em um encontro. Visto que não há



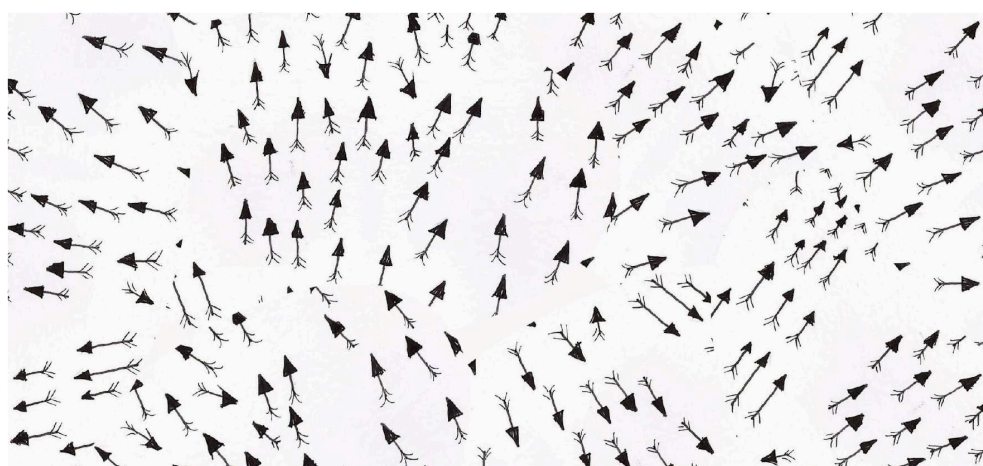
deslocamentos sem um encontro em divergências, as experiências do encontro não se sobrepõem, são distintas e solidárias.



O povo Kariri-Xocó exemplifica essas formas de (re)existência e percepção: os seres humanos não são os únicos seres dotados de perspectiva, consciência, cognição e subjetividade. Na cosmovisão desse povo, quatro elementos - fogo, terra, água e ar - influenciam os processos cotidianos e as relações entre o mundo. Explorar como esses elementos potencializam os encontros com as diferenças no mundo abre caminho para outras formas de existência. Esses elementos representam a força vital da natureza, cada um interagindo entre si e ressoando de maneira mais intensa na cosmovisão Kariri-Xocó. Dessa maneira, possibilitando a aprendizagem através da violência e do desvelo do vento, da fluidez e amorfia da água, da resiliência e generosidade da terra, e da renovação e ambiguidade do fogo. Quais interseções e conceitos emergem do encontro a partir da diferença? O encontro, enquanto força motriz da diferença, deixa marcas que possibilitam uma constante evolução de conceitos e perspectivas. Encaro os modos de educação como fluidos e em constante transformação, capazes de fomentar dissensos. É uma jornada de exploração, um ato político, uma forma de resistência.



No livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015), uma variedade de desenhos preenche suas páginas. Assim como uma baleia jubarte emerge das profundezas do oceano para espirrar ar condensado a longas distâncias, conectando céu e mar em um movimento de inspiração e expiração, esses desenhos/traços yanomami permanecem imersos no vasto mar de palavras escritas, expressando suspiros profundos ao se entrelaçarem entre as letras impressas. Em 2023, Kopenawa Yanomami, um xamã yanomami, e Bruce Albert, um antropólogo francês, nos apresentaram com o livro *O espírito da floresta* (Kopenawa; Albert, 2023), proporcionando mais uma oportunidade de mergulhar na cosmovisão yanomami, em colaboração com os habitantes da casa coletiva yanomami de *Watoriki*. Nessa obra, reúne diálogos e reflexões que evocam as imagens e sons da floresta. *Urihi a* é a terra-floresta, uma manifestação de natureza que vai além da nossa compreensão usual, abarcando a dinâmica de fluxos e a interdependência dos seres que nela habitam. *Urihi a* desdobra imagens, que os xamãs yanomami percebem e denominam de *Urihinari a*. As árvores existem em virtude da presença da imagem de *Urihinari a*, o espírito da floresta. Além disso, a terra-floresta instaura um sopro vital, *wixia*, que infunde vida e longevidade à floresta e suas imagens-espirituais. Destruir a floresta equivale a privar o mundo de imagens potenciais. Estes seres vivem em uma constante diplomacia do encontro, interagindo e produzindo imagens a partir das diferenças entre eles.



A potência do encontro, vista sob as diferenças e dissensos, é geradora de conhecimento. Por exemplo, o pontilhismo – ou neoimpressionismo – é uma técnica de pintura que emprega



pequenos pontos ou pinceladas próximas para criar uma mistura óptica e sistematizar formas. Paul Signac e Georges Seurat, no final do século XIX, exploraram a aplicação dessa técnica na pintura, buscando criar uma sensação de profundidade visual. No entanto, proponho uma reflexão mais ampla sobre esse estilo, a fim de explorar a riqueza do encontro. O observador espacialmente mais próximo, de uma obra pontilhista se depara com pigmentos, texturas, pontos e pinceladas individuais, já o observador mais distante visualiza contornos de modo a conseguir ver uma figura. Quem está longe não consegue observar as pinceladas, enquanto quem está próximo não consegue observar a figura. As diferenças, sejam elas pequenas ou grandes, produzem saber e não se estruturam de forma hierarquizada. O encontro entre diferentes regimes conceituais inspira uma educação diversificada, imaginativa, fabulosa, criativa e igualitária, desde que se leve em conta a igualdade entre as diferenças.

Traço peregrino, jenipapo em contraste

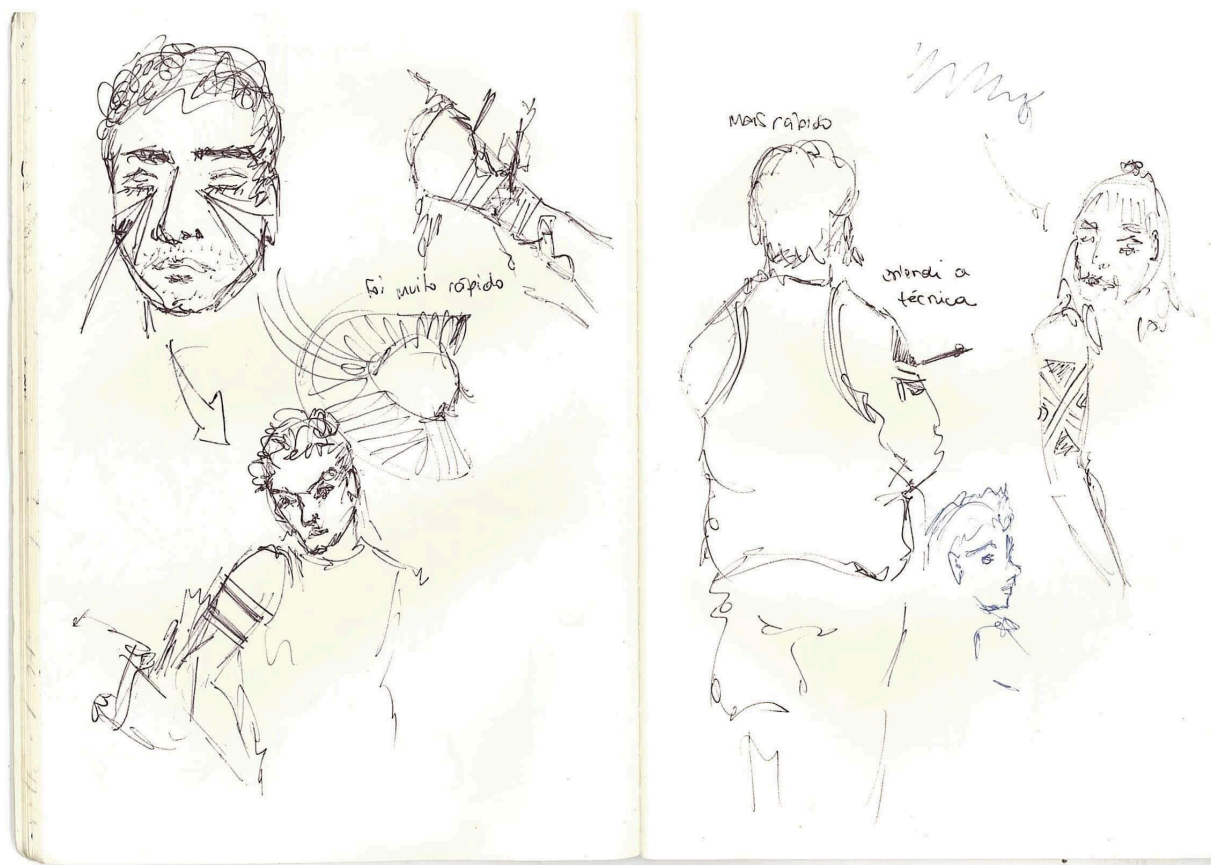
Em 2018, traços ressoaram e aterrissaram sincronicamente sobre peles e papel, marcando uma dinâmica de encontro entre o grupo SKX e convidados. Durante essa interação, muitas oficinas foram oferecidas, como brincadeiras, danças, cantos, cerâmicas e grafismo, deixando uma marca no corpo e na trajetória deste ensaio. Muitos convidados aguardaram em fila para receber os grafismos do grupo. Num processo orgânico, os momentos foram registrados em traços; o tempo dedicado a eles equivalia ao investido nos grafismos. Começamos e terminamos juntos. Observou-se que a pintura corporal Kariri-Xocó, além de seus simbolismos de proteção e força, carrega também intenção e espiritualidade. Um grafismo Kariri-Xocó não reside apenas na habilidade de traçar linhas, mas sim em perceber essas linhas no fluxo vital dos seres humanos e não humanos. A aplicação deles na pele envolve mais a experiência da pintura em si do que o resultado.

O grupo investiu mais do que jenipapo e carvão. À medida que se esgotavam fisicamente e espiritualmente ao longo do encontro, as pinturas tornavam-se mais sutis, e o trabalho era realizado com mais leveza, sem perder sua complexidade e beleza. Nesse primeiro encontro, repleto de expectativas, houve pouca troca de palavras, quase nenhuma. Foi no movimento do desenho que se estabeleceu o diálogo. Esse intercâmbio em traços - seja com a caneta no caderno ou com o jenipapo na pele dos convidados - demonstrou que observar e criar eram partes de um



mesmo movimento participativo, imerso nas mesmas correntes e fluxos de existência e experimentação. Desde então, o grafismo tem instaurado estéticas e imagens que se desdobram em práticas de pesquisa diversas.





Um grafismo que se entrelaça aos braços destes que escrevem e desenharam é o da jiboia. A jiboia, ou melhor, o grafismo-jiboia dos Kariri-Xocó, realizou uma constrição nos métodos e modos de conduzir a pesquisa. Mergulhei em meu próprio método de pesquisa desenhado, aberto às múltiplas possibilidades do encontro e aos fluxos disponíveis, assim como a serpente acaricia o ar com sua língua bifurcada, experimentando o encontro com tudo aquilo que deixa rastros em sua jornada. Outra abordagem metodológica proporcionada pelo encontro com o povo Kariri-Xocó é a *retomada*. Essa prática faz parte de um conjunto de ações para compartilhar e revitalizar os modos de vida desse povo. A retomada desempenha um papel crucial em recuperar os territórios perdidos durante o processo de colonização. Tatiana Plens Oliveira explora essa palavra disparadora - em diálogo com os povos originários e quilombolas - como busca de cultivar sua pesquisa por meio da mobilização coletiva e dinâmica da vida em exercícios de fabulação especulativa (Haraway, 2019):



“Os processos de retomada se dão como uma resposta de diversos povos à violação da possibilidade de estabelecer outras formas de vínculo com a terra que não estejam baseadas na lógica da propriedade e na temporalidade do Capital.”
(Oliveira, 2023, p.23)

Para os Kariri-Xocó, retomar significa ocupar novamente e reconquistar os territórios ancestrais. É um processo contínuo que não se encerra quando retomam o território; ele é incessante e não se restringe à noção moderna de propriedade. Não basta apenas ocupar; é preciso cultivá-lo. A *retomada* vai além do território geográfico; é a (re)ocupação de territórios existenciais, a recuperação de conhecimentos saqueados e marginalizados - ou silenciados e invisibilizados na perspectiva da *partilha do sensível* - um processo de reconexão entre tempos e ancestralidades que se renovam.

A *retomada* foi apresentada como uma palavra-chave para pensar a pesquisa. Despertou reflexões sobre vivenciar a pesquisa como uma retomada de gestos criativos, linguagens, conceitos e performances de um corpo-pesquisador aberto às forças ancestrais e não humanas. Um processo intenso de (re)viver, (re)desenhar, (re)escrever, (re)encontrar e (re)conceituar a pesquisa. Em outras palavras, um método que não busca apenas a recuperação de territórios saqueados, mas também a constante retomada da existência e dos afetos que potencializam a pesquisa; ou até mesmo a recuperação da capacidade de se encantar ou se assombrar por ela.

O braço-jiboia, acompanhado da *retomada*, possibilita um contínuo retorno de trilhas abertas durante a pesquisa. A relação do traço do grafismo e a perspectiva de subjetividade e intenção de seres não humanos nos garante aberturas para um debate importante sobre diferentes regimes conceituais sobre o corpo e a imagem. Retomemos a dinâmica de que um grafismo Kariri-Xocó não se constitui pela habilidade de traçar, mas sim de instaurar sensações. A pele, ou qualquer outra superfície de contato, não é apenas um vácuo ou lacunas que buscam preenchimento; são aberturas de um emaranhado de interdependência dos elementos. Caso a pele fosse uma folha em branco, poderíamos dizer que o branco não é o vazio; é a potência entre a diferença e o contraste que o preto nos fornece.

Grafismo-contraste Kariri-Xocó e uma perspectiva anti-niilista



A retomada do encontro que performa o traço-grafismo, proposto pelos Kariri-Xocó, é o encantamento de um mundo de contrastes. A ponta do pincel, molhada no urucum, jenipapo, carvão ou argila, é levada ao corpo-aberto e aplica a estética do contraste. Por vários momentos, o encanto pelo alto contraste entre essas materialidades chega a um estado de abstração em que a jiboia, jabuti, cachorro ou onça já não é mais definido pela sua forma. O alto contraste não define pele e grafismo, mas desdobra uma terceira pele que acolhe as diferenças, produzindo mundos de dissensos que não buscam significados, mas sim sensações. São peregrinos entre-mundos.



Na busca da experimentação da terceira pele, utilizamos nanquim, lápis e folhas brancas no desejo de criar narrativas no entre. No exercício de traçar o preto no branco, preto no branco, preto no branco, branco no preto, preto no branco demarcam-se dissensos. Para cada grafismo, a interação entre os seres não-humanos e humanos se constitui pelo contorno, curva, reta e textura, que contrastam entre si. Ou seja, a estética do contraste no grafismo Kariri-Xocó emana a exaltação das diferenças que não se hierarquizam; somente peregrinam no desejo de multiplicidades que inventam condições de igualdade entre as diferenças, capazes de lidar com os rastros do passado, a potência do presente e a inexistência do futuro, num pulsante movimento e transmissão de conhecimentos.

Refletir com diferentes povos sobre um futuro de mudanças climáticas perpassa pela possibilidade de outras condições de estar no mundo. Os regimes conceituais de diversos povos originários partem do princípio de que todas as coisas do mundo estão intrinsecamente interligadas, e que toda vida na terra está imersa em relações dinâmicas e mutáveis. Essa perspectiva anímica, frequentemente atribuída a um “sistema de crenças que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inertes” (Ingold, 2013, p. 11), é explicada por Tim Ingold como uma condição de ser no mundo, em vez de uma crença sobre o mundo. Em outras palavras, o pensamento anímico é um modo de habitar e se relacionar com o mundo, enfatizando a interdependência das coisas e dos seres, bem como a vida em suas múltiplas dimensões. É um convite ao presente e futuro anti-niilista.

Friedrich Nietzsche aborda o niilismo existencial em obras como “Assim Falou Zaratustra”, “Além do Bem e do Mal” e “Genealogia da Moral”. Na construção de uma crítica à condição humana, ele argumenta que uma série de regimes conceituais ocidentais



integra um vazio existencial que culmina na sensação de falta de sentido na vida. Dessa forma, a expressiva produção fabulatória moderna se pauta no fim de vários mundos, com exceção do Capital. Nietzsche encara como uma oportunidade de radicais transformações da existência humana, enquanto os povos originários - como os Kariri-Xocó - nos apresentam micropolíticas possíveis, brechas, ranhuras e vazão de afetos por meio das sutilezas.

O *devenir* (Deleuze; Guattari, 1997) existe nas sutilezas do encontro. O contraste do grafismo acontece pela diferença. O encontro entre humanos e não-humanos demanda uma interação aberta e plural, de maneira que uma planta possa se disponibilizar ao aconselhamento, por exemplo. O velandinho é uma planta utilizada para chás, banhos e confecção do Tané (mistura de ervas para fumar). O encontro com essa erva é importante para a dinâmica de cura e desenvolvimento da cosmovisão Kariri-Xocó. Para coletá-la, é necessário iniciar uma interação de permissão. Assim, para buscar o aconselhamento, é necessário que o corpo se mantenha disponível. Saber lidar com as demandas dela implica em saber interagir com ela, e interagir demanda o reconhecimento das diferenças que existem no encontro. Portanto, a troca existe no entre Kariri-Xocó e Planta. Não é unilateral. É necessária uma interação aberta e receptiva.

Uma interação aberta e receptiva é aquela em que não nos projetamos sobre outros seres, mas observamos, cheiramos, tocamos, ouvimos e provamos no mesmo movimento generativo, de maneira que há um respeito mútuo pelos espaços que o outro ocupa. Kariri-Xocó não é velandinho, velandinho não é Kariri-Xocó. Neste encontro plural e respeitoso, há efervescência do entre. Neles, grafismos pousam. Ora, de plântulas para árvores, todas vivem na eternidade do presente. É o instante que dá vazão às suas intensidades. O encontro do povo Kariri-Xocó com a velandinho é possibilidade de um mundo (in)visível. É a abertura a um mundo em que vemos, sentimos, experimentamos, interagimos, nos aprofundamos e nos afetamos. É imanência. É viver na peregrinação do vento, sol, lua, umidade, chuva, temperatura, solo, insetos, aves, fungos, bactérias, vírus, animais e ao tempo.





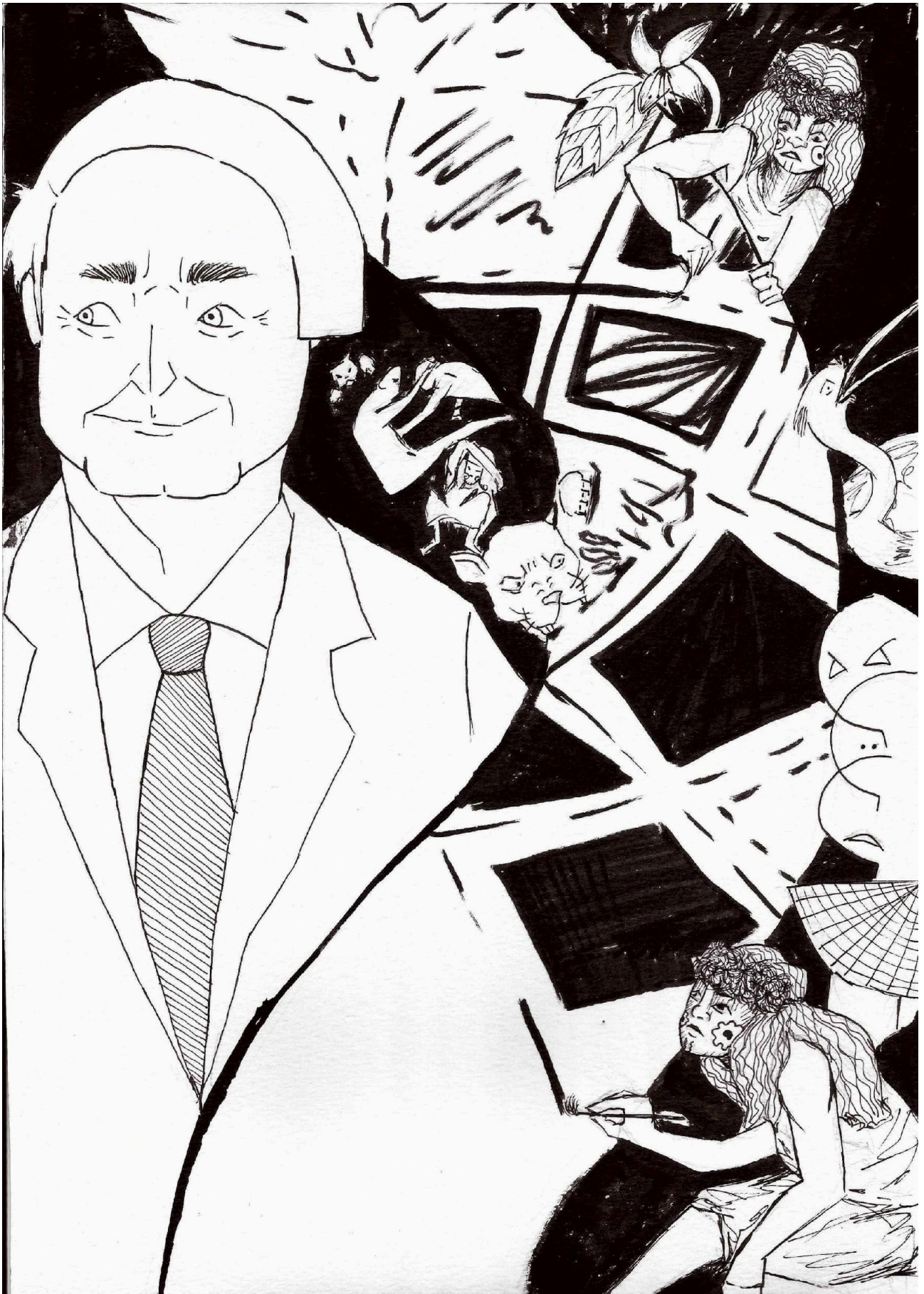
Pela exploração e produção conjunta de escritas e desenhos com os Kariri-Xocó, fez-se a *retomada* do encantamento pelo mundo. A articulação de novas formas de

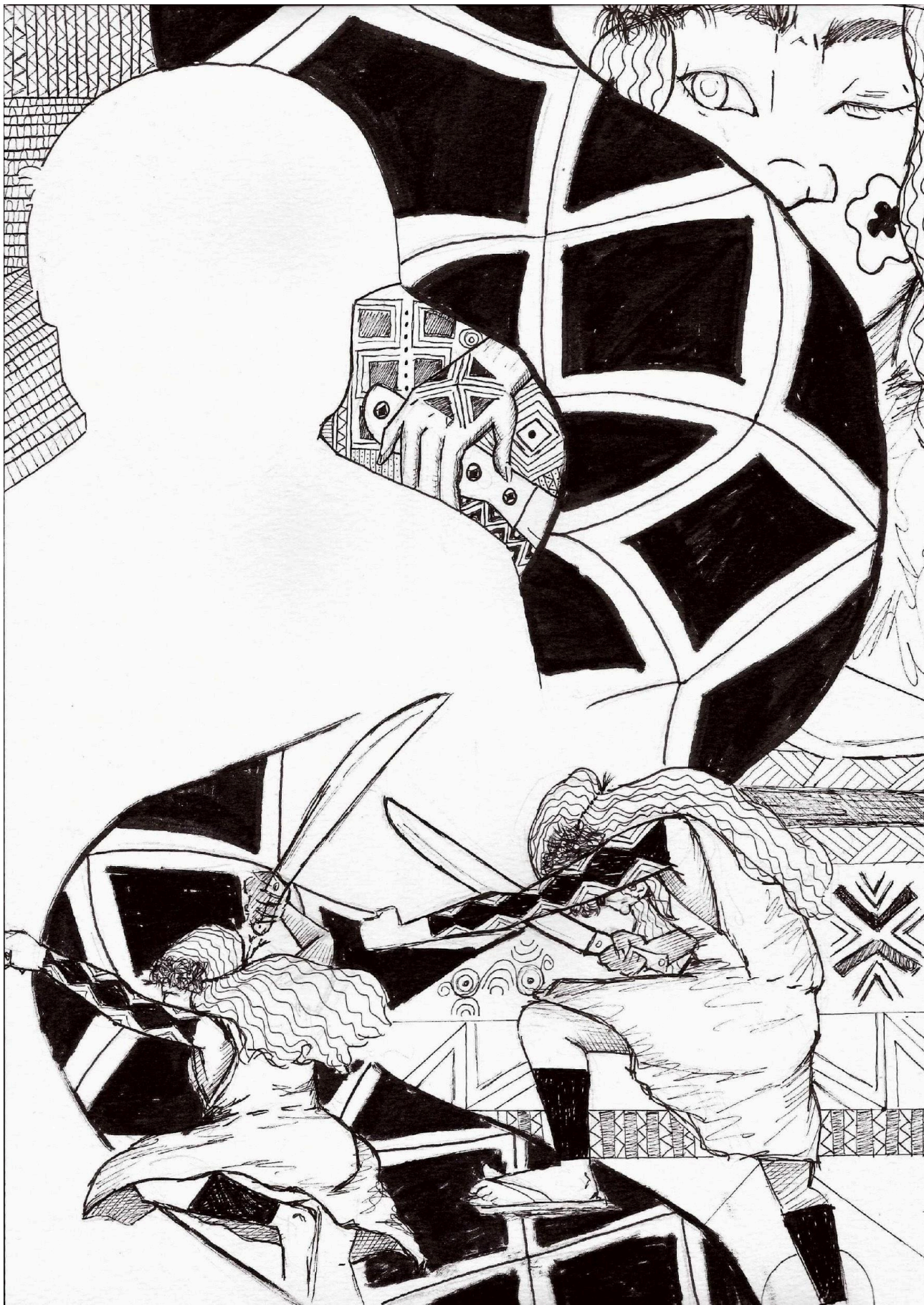


expressão, envolvendo imagens e narrativas, representa uma jornada pelo desejo de igualdade. Ao imergir na possibilidade de encontro com a etnia Kariri-Xocó, instaura-se um devir-do-afeto-científico-artístico-educacional. Compartilhar essa experiência de pesquisa-experimentação em movimento lança possibilidades para pensar uma educação aberta às multiplicidades e a outras concepções de vida. A educação torna possibilidades de modos de ser interdependente entre seres humanos e não-humanos, igualitário entre diversas inteligências, humanizado diante das outras humanidades. Há um entre-lugar do traço que pode dar olho à pele.











À medida que o contraste do grafismo Kariri-Xocó, como parte de um valor conceitual em si mesmo, é a imagem ressoando por uma educação imaginativa, fabulatória, ficcional, diversa e dissensual. Pois, essa estética do grafismo-contraste inventa condições de igualdade entre as diferenças, são pegadas/rastros no "entre" que estabelecem micropopulações abrigadas em traços. Não se dá na representação de seres não-humanos, mas sim pelo tracejar das linhas e contornos que os diferenciam, uma performance que enaltece a diferença como potência do encontro e não como embate - quase antagônico ao ideal de contraste da sociedade ocidental que determina a separação entre a animalidade e a humanidade; natureza e cultura. São enigmáticas imagens que ofuscam a perspectiva da representação, apesar de representarem visualidades. Foi na experimentação do grafismo, deslocando-o entre a representação e não-representação, que sua estética do contraste protestou por retomadas de encontros que enaltecem o respeito à diferença e afirmação do “[...] direito à vida em sua essência de potência criadora” (Rolnik, 2019, p. 24). Na sutileza do traço-contraste de jenipapo Kariri-Xocó, a diferença pulsa como mobilizadora de complexas relações interdependentes que inspiram e expiram outras abordagens possíveis. Principalmente, na radicalização do niilismo existencial e seus desdobramentos sobre um planeta, repleto de mundos que findam, mas não se esgotam diante das mudanças climáticas

Bibliografia

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. São Paulo: Ed 34, 1997.

HARAWAY, Donna. Habitar a barriga do monstro. In: CASTRO, Eduardo V. de; SALDANHA, Rafael M.; DANOWSKI, Déborah. **Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Machado, p. 418-430, 2022.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema: generar parentesco em el Chthuluceno**. Edición Consonni: Bilbao, 2019.

INGOLD, Tim. **Repensando o animado, reanimando o pensamento**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.43552. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/43552>. Acesso em: 18 jan. 2024.

IWAKAMI, Victor H. S. **Bocuyá mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó**. 2022. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação,



Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/7508>. Acesso em: 1 dez. 2023

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Trad. B. PerroneMoisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O espírito da floresta**. Trad. R. F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral** (1ªed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NARITA, Karina M.; WUNDER, Alik. **Arte, política e ritual do povo Kariri-Xocó**: fotografias e narrativas de encontros com escolas. *Rebento*, São Paulo, n. 9, p. 232-253. 2018

Nietzsche, Friedrich. **Genealogia da Moral** (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Nietzsche, Friedrich. **Além do Bem e do Mal** (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Nietzsche, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra** (Mário da Silva, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, Tatiana Plens. **Corpo-solo-vivo**: linhas e entrelinhas de um processo de cultivo. 2023. 1 recurso online (161 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/15387>. Acesso em: 21 fev. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad.: M. Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Tomada da palavra e conquista do tempo livre**: uma entrevista com Jacques Rancière. Entrevistadores: Jonas Tabacof Waks et al. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 47, e202147002003, p.1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hJpjH5QqsDN4RFdPbPgZXP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 jul. 2023. Acesso em: 1 dez. 2023.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1, 2019.



TSING, Anna. **Margens indomáveis**: cogumelos como espécies companheiras. Tradutor: Pedro Castelo Branco Silveira. *ILHA revista de antropologia*, v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p117>

WUNDER, Alik; MARQUES, Davida; AMORIM, Antonio C. R. **Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons**: forças e atravessamentos. *Visualidades*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 104-127, 2016. DOI: 10.5216/vis.v14i1.43043. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43043>. Acesso em: 1 dez. 2023.

Recebido em: 01/03/2024

Aceito em: 01/06/2024

[1] Formado em Licenciatura em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e doutorando em educação, todas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente em ciências e biologia na rede estadual de ensino de São Paulo. Na pós-graduação desenvolve pesquisas na linha de Linguagem e Arte em educação, voltada aos estudos imagéticos com foco no intenso encontro com povos originários, desenho e narrativas. Email: victoriwakami@gmail.com

[2] Sabuká Kariri-Xocó é um grupo formado por integrantes da família Tinga que residem em Porto Real do Colégio (Alagoas), por meio da educação patrimonial, pajelança, pinturas corporais, torés e rojões, buscam o desenvolvimento e cura da humanidade no encontro entre diferentes culturas. Para contato buscar pelas redes sociais @gruposabuka ou @centroculturalsabuka.

[3] Os integrantes do Grupo Sabuká Kariri-Xocó que atuaram no desenvolvimento das criações por meio de desenhos, falas, narrativas e grafismo são Pawana Crodi Kariri-Xocó, Iaru Kariri-Xocó. Kauan Kariri-Xocó, Marinita KaririXocó, Nary Kariri-Xocó, Valdete (Dé) Kariri-Xocó, Kaony Kariri-Xocó, Dirã Kariri-Xocó.

[4] Rede composta por pessoas que apoiam o trabalho de grupos Kariri-Xocó por meio da elaboração de projetos de financiamento, hospedagem, transporte, agendamento em espaços culturais ou escolas.

[5] As criações originaram uma pesquisa-HQ (Iwakami, 2022), publicada como dissertação, que busca as potências na intersecção entre desenho, escrita, ficção e narrativa. Todos os desenhos neste ensaio estão presentes no documento original, mas performam outros sentidos. Assim, optamos em não atribuir legendas ou títulos na busca de vazarem outros sentidos possíveis.